

Aceitabilidade da raça crioula em competições de laço comprido em Mato Grosso do Sul: estudo exploratório

The acceptability of native horse breed in long lasso competitions in Mato Grosso do Sul: an exploratory study

Igor André Seib¹
Heitor Romero Marques Júnior²
Ériklis Nogueira³

¹ Acadêmico de Zootecnia – Universidade Católica Dom Bosco.
E-mail: iseib@bol.com.br

² Médico Veterinário, mestre em Agronegócios, Professor da Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: heitorvet@terra.com.br

³ Médico veterinário – CPAP-Embrapa Pantanal.
E-mail: eriklis@cpap.embrapa.br

RESUMO *ABSTRACT*

Em Mato Grosso do Sul, as competições de laço comprido tem assumido papel de destaque entre as atividades de esporte, e a implantação de um número cada vez maior de estabelecimentos rurais que se dispõem a realizar atividades equestres denota o crescimento desse segmento e suas manifestações culturais. Diversas são as raças de cavalo submetidas ao esporte, entre elas a raça crioula, bastante difundida na região sul do Brasil, onde é realizada a etapa final do Freio de Ouro, com uma sucessão de avaliações para premiar os melhores exemplares e ditar os critérios de seleção da raça. Dessa forma, com o intuito de conhecer o quão aceito e utilizado é o cavalo da raça crioula e o nível de conhecimento dos atletas a respeito dessa raça em Mato Grosso do Sul, foram realizadas entrevistas seguindo roteiro estruturado, cujos resultados apontam que o desempenho dos equinos representantes da raça no esporte está entre ótimo e bom para 87,5% dos entrevistados, além da inexistência de rejeição ao uso da raça no esporte.

In Mato Grosso do Sul, the long lasso competitions have taken on an outstanding role between the activities of sport and the implantation of a growing number of rural establishments that are available for the carrying out of equestrian activities, thus showing the growth of this segment and its cultural manifestations. There are diverse breeds of horse submitted to the sport, amongst them the native horse breed, considerably used in the southern region of Brazil, where the final phase of the Golden Bit competition is held, with a succession of evaluations for awarding to the best animals and for giving the criteria for the selection of the breed. In this way, with the intention of finding out how acceptable and useful the native horse breed is and the level of knowledge of the athletes about this breed in Mato Grosso do Sul, interviews were carried out following a structured outline, the results of which show that the performance of the horses of this breed in the sport is between excellent and good for 87.5% of those interviewed, as well as the nonexistence of any rejection as to the use of the breed in the sport.

PALAVRAS-CHAVE *KEY WORDS*

cavalo
raça crioula
Mato Grosso do Sul

*horse
native breed
Mato Grosso do Sul*

INTRODUÇÃO

Na temática do agronegócio, encontra-se uma gama de trabalhos sobre diversos produtos. Muitos se referem às cadeias já descritas e estudadas, como a da soja, a da carne bovina, do frango e outras, entretanto os estudos que tratam da equideocultura sob a ótica do agronegócio são escassos.

O agronegócio da equideocultura no Brasil cresceu significativamente nos últimos anos, após ter passado um período de crise. Tais crescimentos são vistos, em diversas áreas, como aumento no número de provas realizadas com cavalos, exportação da carne de cavalos, utilização dos cavalos para fim de tratamentos médicos, ênfase aos cuidados dispensados mesmo aos equinos utilizados na lida com o gado e aumento das comercializações de cavalos por meio de leilões (LIMA et al., 2006).

Tem-se percebido crescente surgimento de estabelecimentos rurais que se dispõem a realizar atividades de acomodação, treinos, escolas equestres, reprodução e outras, nas proximidades, arredores e mesmo em área urbana do município de Campo Grande, MS, envolvendo criadores, usuários e fornecedores de insumo, e pouco se dispõe de informações científicas desse novo negócio rural.

Para o entendimento do agronegócio do cavalo em toda sua complexidade, é necessária a análise dos segmentos de antes, dentro e pós-porteira, que compõem o setor. Esse estudo, de forma mais restrita e menos conceitual, está fundamentado na entrevista, com o uso de um roteiro estruturado, com os usuários de cavalos e praticantes de provas de laço comprido, uma modalidade desportiva própria da zona rural.

Em acréscimo à necessidade de conhecimento sobre o *business* acerca das atividades equestres, apontam-se ainda a variedade de raças utilizadas por competidores, as habilidades que esses animais possuem e o conhecimento existente sobre raças de cavalos em expansão numérica no cenário das competições de laço comprido. Assim sendo, torna-se importante, não somente do ponto de vista acadêmico, mas também com aplicações gerenciais e de *marketing*, com uso imediato, conhecer o que pensa o usuário de cavalos sobre a raça crioula em Mato Grosso do Sul, na modalidade esportiva de laço comprido.

1 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura levada a efeito pautou-se por apresentar a evolução, a domesticação, a formação das raças atuais, a introdução de cavalos nas Américas e no Brasil, o surgimento da raça crioula, as características raciais e a questão do freio de ouro

1.1 EVOLUÇÃO, DOMESTICAÇÃO E FORMAÇÃO DAS RAÇAS ATUAIS

Das espécies domésticas, a equina é aquela cuja evolução está mais caracterizada através de inúmeros achados fósseis, com uma ordem cronológica bem definida. Dentro do período compreendido entre 50 e 2 milhões de anos, a evolução dos equinos se deu basicamente nas Américas, sendo que o gênero *Equus* se desenvolveu no período plioceno (CHWAT, 1974).

Há 50 milhões de anos, surgiu o mais antigo ancestral do cavalo, denominado *Eohippus* ou *Hyracotherium*, com aproximadamente 35 cm de altura e com apoio em quatro artelhos nas quatro patas. Habitava a região hoje compreendida pelos estados americanos de Wyoming, Novo México e Utah (CHWAT, 1974).

No período médio eoceno, há 45 milhões de anos desaparecem os gêneros anteriores, surgindo o *Orohippus*, com estatura mais elevada, tendo maior apoio no terceiro artelho e, há 40 milhões de anos, no alto eoceno, surgiu o *Epihippus*, com estatura maior que os anteriores, acentuando-se o apoio no terceiro artelho. Com estaturas maiores que os anteriores, no período baixo oligoceno, há 32 milhões de anos surgiram o *Mesohippus* e o *Miohippus*, apresentando ausência do quarto artelho, desenvolvimento maior do terceiro, e redução gradual dos demais artelhos (LAMAS, 2011).

Os gêneros *Parahippus*, *Merychippus* e *Pliohippus*, com crescentes diferenças em estatura, maior desenvolvimento do crânio e predominância de apoio no terceiro artelho, bem mais desenvolvido, surgiram há 12-32 milhões de anos no período mioceno. No período plioceno, 2-12 milhões de anos, surgiram o *Dinohippus* e o *Hipparion*, com maior estatura que os anteriores e apoio exclusivo no terceiro artelho e no pleistoceno, 0-2 milhões de anos, surgiu o gênero *Equus*, com estatura maior e apoio em um único artelho, desaparecendo os demais. Habitava a América, Europa e Ásia (CHWAT, 1974).

No final do Pleistoceno, desaparecem das Américas todas as espécies do gênero *Equus*, que se desenvolvem em seguida exclusivamente na Europa e na Ásia, da Península Ibérica até a Ásia. Destes restaram basicamente quatro tipos básicos de cavalos primitivos, que são os precursores das atuais raças equinas (BARREIROS, 2011).

O *Equus caballus orientalis*, também chamado Tarpan, extinto no início do século passado, é um dos tipos básicos de cavalos primitivos. Habitava as florestas da Europa Central e Oriental, sendo o principal precursor das atuais raças pôneas (BARREIROS, 2011).

Outro tipo básico de cavalo primitivo, o *Equus caballus przewalski*, também chamado de cavalo das estepes ou mongol, participou da formação das atuais raças pôneas da Europa e Ásia. Dele restam poucos exemplares, criados em estado selvagem na Mongólia e na Polônia. Habitando exclusivamente as florestas da Europa Ocidental e Central, o *Equus caballus robustus* apresentava grande porte, temperamento extremamente linfático (sangue frio), sendo extinto no século XIX. Dele derivam todas as raças equinas atuais de tiro ou tração pesada, como a Percheron, a Bretã, a Ardenes, a Clydesdale, a Shire e outras e finalmente o *Equus caballus agilis*, ou cavalo oriental de sangue quente, precursor das três raças equinas mais antigas (CHWAT, 1974).

A raça Árabe foi desenvolvida na Península Arábica, posteriormente introduzida no Egito e daí difundida para todo o mundo. Os documentos mais antigos sobre o cavalo Árabe datam de aproximadamente 3.000 anos (LAMAS, 2011).

A Bérbere ou Barbo ou Numidiana desenvolveu-se no norte da África (Marrocos, Argélia, Líbia, Síria e Egito) de onde existem relatos datados de 1.600 a.C. Dessa raça originaram-se as principais raças da península Ibérica (Puro Sangue Lusitano e Puro Sangue Espanhol), após um período de dominação moura de 500 anos, as principais raças da Europa Central e das Américas são derivadas dessas raças ibéricas (BARREIROS, 2011).

Da raça Turca ou Turcomana, desenvolvida na região da Turquia, existem relatos desde 1.000 a.C. Ainda hoje é criada na Turquia, na Rússia e em outros países da antiga União Soviética. Dela derivaram as raças Achal-Tekinski, Karabach e Kabardina, dentre outras (LAMAS, 2011).

Essas três raças equinas antigas participaram isoladamente ou em conjunto da formação das atuais raças equinas de sela, animais de sangue quente.

1.2 INTRODUÇÃO DE CAVALOS NAS AMÉRICAS E NO BRASIL

Nas Américas, a primeira introdução de cavalos se deu quando da conquista do Império Asteca por Hernán Cortés no período de 1519-1521, daí se expandindo para toda a América Central e do Norte.

Na América do Sul, as primeiras introduções de cavalos ocorreram em 1535, por meio de Pedro de Mendonza, e, em 1543, por meio de D. Alvares Nuñez Cabeza de Vacca, ambos espanhóis, quando do início da colonização da Bacia do Prata. Desses animais, de origem ibérica, com sangue predominantemente bérbere, originaram-se as raças Crioula e Pantaneira.

Evidências da introdução do cavalo no Brasil diferem daquelas verificadas nos demais países do continente americano. Nos países de colonização espanhola, a principal utilização do cavalo foi a militar, durante guerras e conflitos nos primeiros dois séculos após a colonização (LIMA et al., 2006).

Com a segunda viagem à América, em 1494, Cristóvão Colombo trouxe alguns exemplares de raças de origem Portuguesa, para a Ilha de São Domingo. Cortez, em 1519, utilizou cavalos trazidos da Europa nas suas expedições pela região do México. Na América do Sul, a introdução do cavalo ocorreu em 1532, quando Pizarro utilizou cavalos na sua incursão no Peru (GOULART, 1964).

No ano de 1534, Pedro de Mendoza trouxe o cavalo até a Argentina. No ano seguinte, Diogo de Almagro entrou pelo Chile trazendo cavalos nas suas expedições. No mesmo ano, Ojeda entrou na Venezuela, trazendo mais cavalos para o continente. Dom Alvares Nuñez Cabeza de Vaca, em 1541, em uma de suas expedições levou uma manada de cavalos e éguas para as colônias espanholas, passando pelo território brasileiro (Paraná e Santa Catarina). Na mesma década, mais cavalos foram trazidos por Mendoza para Argentina, onde parte das manadas foi sendo abandonada ao acaso, representando importante contribuição para formação de tropas na região sul brasileira. Nessa região, a raça crioula registra seus primeiros descendentes, inicialmente denominados Crioulos Sul Rio-grandense (COELHO, [s.d.]).

O cavalo entrou no Brasil como ferramenta de trabalho na extração de madeira e na produção de açúcar, sendo que, oficialmente, a chegada de cavalos no Brasil foi registrada em 1549. No início do período colonial, por um pedido de Tomé de Sousa, cavalos foram enviados para Bahia, onde estes foram utilizados para trabalho com gado, tornando-se fundamentais para a formação do cavalo brasileiro (GOULART, 1964).

Com o ciclo de extração do pau-brasil curto, a indústria açucareira teve início junto com a produção de carne. A carne assumiu o posto de único artigo de consumo de importância com sua produção facilitada devido ao clima e oferta de território a ser explorado, além de contribuir na dieta dos escravos, a pecuária teve também sua contribuição como fonte de tração e força motriz animal junto com os equinos que atendiam as necessidades dos engenhos (LIMA et al., 2006).

A atividade açucareira teve um crescimento rápido, e esse crescimento necessitava de mais animais para uso nos engenhos, como meio de transporte e para apanhar lenha e outros utensílios diários (FURTADO, 2005).

Nesse período, a base econômica do Brasil colonial, açucareira e criatória, mesmo com diferenças significativas entre elas, necessitava de cavalos para suas subsistências. A indústria açucareira necessitava mais fontes de tração para permitir o crescimento da atividade e a pecuária necessitava de cavalos para trabalho com o gado (QUEIROZ, 1977).

Outro ciclo que teve início foi o minerador que aconteceu no interior do Brasil. Essa atividade utilizou o cavalo como ferramenta de trabalho que também reforçou a interiorização da pecuária. Durante esse processo o cavalo teve um crescimento no Brasil para direções Centro-Oeste e Norte a partir de Pernambuco e Bahia (SIMONSEN, 1969)

A introdução do cavalo na região sul ocorreu de forma distinta das demais regiões anteriormente citadas. O cavalo chegou à região ainda no século XVI, vindo dos países vizinhos, mas o cavalo teve importância econômica somente mais tarde com a indústria do charque (RIBEIRO, 1995).

No final do século XVII, a região sul passou a compor a história política e administrativa do Brasil. Na segunda metade do século XVIII, com a indústria do charque na região do Rio Pelotas e São Gonçalo, o cavalo era ferramenta importante para esse processo, com isso a criação de cavalos rapidamente ganhou importância e transformou o

Rio Grande do Sul em fornecedor de equinos para as demais regiões brasileiras (SIMONSEN, 1969)

1.3 SURGIMENTO DA RAÇA CRIOULA

A história do cavalo crioulo começou no século XVI com Cristovão Colombo, em sua segunda viagem às Américas, quando desembarcou na Ilha de São Domingos em 1493. Aportaram com ele embarcações que acompanhavam sua expedição, trazendo nelas famílias de colonizadores. Nessas embarcações, vinham também cavalos, que serviriam como ferramentas de trabalho para as famílias recém-chegadas no novo continente.

Esses cavalos eram principalmente das raças Andaluz e Rocines. A raça Andaluz continua presente no meio equestre brasileiro até os dias de hoje. Os Rocines, raça espanhola extinta, raça que se caracterizava com animais de altíssima resistência e fácil adaptabilidade, ambas as raças são originárias da Península Ibérica.

A partir do século XVII, muitos animais foram perdidos ou abandonados ao acaso, então começaram a viver livremente pelas terras do novo continente. A dispersão dessas manadas selvagens tomou todos os sentidos, povoando a América com os primeiros cavalos de que se tem registro. As manadas que tomaram o rumo norte, indo parar nos Estados Unidos e México com as longas guerras e cruzamento com outras raças provocaram o desaparecimento dos antecessores do crioulo na região.

As manadas que tomaram o rumo sul, deslocaram-se para a região dos Andes no Chile, onde passaram por uma seleção natural por cerca de quatro séculos. Resistir ao frio com pouca alimentação disponível e geografia muito acidentada eram os requisitos iniciais para a seleção da raça. Esses animais foram selecionados em um ambiente muito hostil, com temperaturas extremas.

As condições climáticas contribuíram de forma moduladora para a criação do primeiro biotipo do cavalo crioulo. Surgiram então animais de porte médio com crina e cauda abundantes e pelos compridos, para conseguir suportar o frio da região.

Esses animais vagavam selvagens pelas regiões do centro-sul chileno e pela região do pampa latino-americano, e assim se teve a entrada das manadas que chegaram até o Brasil; os pecuaristas da época

começaram a capturar alguns desses cavalos para o trabalho com o gado, esses equinos foram chamados de Crioulo Sul Rio-Grandense.

Apesar de serem animais de pouca velocidade, esses cavalos causaram boa impressão aos fazendeiros pela sua alta resistência ao trabalho. Começaram então os trabalhos de melhoramento genético na região sul do estado do Rio Grande do Sul, trabalho este marcado pela importação de cavalos crioulos chilenos oriundos de rebanhos que já promoviam seleção genética. Esses acasalamentos constituem a base genealógica de inúmeros criatórios, utilizados até os dias de hoje.

1.4 CARACTERÍSTICAS RACIAIS

No que tange à morfologia, na raça Crioula buscam-se animais com morfologia específica e característica de animais atléticos, sendo que, para a avaliação de morfologia, o animal é dividido em três partes: anterior, centro e posterior.

Quanto ao padrão racial, segue-se o descrito pela Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Crioulo (ABCCC, 2013), que, ao descrever a caracterização exigida, aponta que a cabeça deve apresentar perfil retilíneo, ser curta, delineada, fronte larga e bem desenvolvida, orelhas curtas, bem inseridas, olhos proeminentes e com vivacidade. O pescoço, observado o bordo superior, deve ser subconvexo, apresentar crinas grossas e abundantes. Bordo inferior retilíneo, forte, musculoso e de comprimento mediano.

Na linha superior, o cavalo crioulo tem a cernelha com destaque moderado, musculosa, dorso mediano, musculoso, lombo musculoso, unindo suavemente o dorso e a garupa. A garupa é moderadamente larga e comprida, levemente inclinada proporcionando boa descida muscular para os posteriores.

Tórax, ventre e flanco do cavalo crioulo são assim descritos: peito amplo, largo, profundo, paletas com inclinação mediana, musculosas, costelas arqueadas e profundas, ventre com razoável volume, flanco curto, unindo harmonicamente o ventre ao posterior.

Os membros anteriores e posteriores dos equinos da raça crioula são descritos como sendo formados por braços e cotovelos musculosos, antebraços apurados, joelhos fortes, canelas curtas, com tendões fortes e definidos, apuradas, cascos de volume proporcional ao corpo,

medianamente inclinados, quartos musculosos, com nádegas profundas, pernas moderadamente amplas, garrões fortes e secos.

As avaliações de altura, mensurações do tórax e da canela do cavalo crioulo completam as características descritas para a raça no momento da avaliação de morfologia. Realizada com hipômetros e fitas métricas, as mensurações seguem o padrão da raça, com variações para machos e fêmeas. Os machos deverão apresentar altura entre 1,40 a 1,50 metros, tórax (mínimo) de 1,68 metros e canela (mínimo) de 18 cm. As fêmeas deverão apresentar altura entre 1,38 a 1,48 metros, tórax (mínimo) de 1,70 metros e canela (mínimo) de 17,5 cm.

As pelagens do cavalo crioulo permitidas na raça são as sólidas e compostas, como os oveiros, tubianos e bragados, não se admitindo o registro de animais albinos e pintados, dando-se em consideração as variações e mutações de ordem genética.

1.5 O PRÊMIO FREIO DE OURO

O Freio de Ouro é considerado como ferramenta de seleção para a raça pela ABCCC e como prova é motivo de cobiça dos criadores. Ganhar o Freio, o maior prêmio a ser conquistado por um animal da raça crioula, é sinônimo de admiração e valorização do animal e sua prole.

A alta seletividade da prova, o nível de exigências impostos ao cavalo e seu condutor, torna o Freio de Ouro uma prova completa, conjugando beleza, tipicidade racial, agilidade, força, coragem, submissão e resistência além da aptidão vaqueira.

A cada ciclo anual, são inscritos nas provas credenciadoras e classificatórias cerca de 1500 animais, sendo que apenas 40 machos e 40 fêmeas são classificados para a final do Freio de Ouro no município de Esteio, Rio Grande do Sul, durante a Expointer.

O Freio de Ouro divide-se em duas etapas: a prova morfológica e as provas funcionais. A prova de morfologia é uma avaliação do padrão racial e do nível de enquadramento do animal aos padrões seletivos da raça. São valorizadas, nessa etapa, características como o equilíbrio estrutural, a frente leve, a firmeza da linha superior e um bom relevo muscular. Todo o conjunto tem de estar bem sustentado sobre bons aprumos.

A segunda etapa da competição, as provas funcionais, que avaliam o desempenho do animal em atividades derivadas das lidas do campo

são também divididas em dois momentos.

No primeiro momento, são avaliadas a andadura, a figura, a volta sobre patas e a esbarrada. No segundo momento, avaliam-se a prova de mangueira e a paleteada.

A andadura é a primeira demonstração funcional do animal na prova. Exigem-se do cavalo ou égua a definição e manutenção de três modos diferentes de andar impostos pelo cavaleiro: tranco ou passo, trote e galope. Nesses movimentos avaliam-se a tipicidade do andar, a comodidade, o avanço e o equilíbrio.

Prova de figura é desenvolvida em um circuito demarcado por fardos de feno, em que se avalia o equilíbrio nas trocas das mãos e patas, potência de execução e submissão a todas as solicitações do ginete, com o animal a galope.

Na volta sobre patas, o condutor ou ginete leva o cavalo à frente dos jurados, faz o animal girar sobre o próprio corpo 360 graus para um lado e em seguida para o outro, podendo realizar de uma a três voltas, mas deve fazer para um lado o mesmo número de voltas que realizou para o outro.

Na esbarrada, o ginete conduz o animal para a raia de apresentação e, ao partir, já inicia em galope. Conduz o animal por uma distância pré-estabelecida e, em seguida, impõe uma parada brusca, fazendo com que ele se apoie e deslize sobre os posteriores. O cavalo praticamente “senta” no chão. A seguir, o ginete repete o movimento em sentido contrário. O cavalo precisa posicionar corretamente os posteriores entre as mãos e parar sem saltar ou apresentar reações ao comando. Esta etapa traduz um dos movimentos símbolos do cavalo de trabalho, que é a sua completa submissão ao comando do cavaleiro.

A prova de mangueira é o primeiro momento em que o cavalo trabalha com gado. Na mangueira, o animal deve mostrar sua aptidão vaqueira, equilíbrio, impulsão e coragem. Esta prova é dividida em três tarefas.

A primeira tarefa do animal é apartar (separar) um entre dois novilhos que estão na mangueira, mantendo o bovino por seu domínio por 45 segundos.

A segunda tarefa consiste em arremeter o cavalo ou égua sobre o bovino, utilizando-se da paleta esquerda para *pechar* (do espanhol, *el pecho*) contra a lateral do novilho apertando-o contra a mangueira

num ângulo de 45 graus, obrigando o novilho a mudar de direção. Após a mudança de direção, o cavaleiro deve fazer o equino recuar. Tem-se 45 segundos para a execução *del pecho*.

A terceira tarefa consiste pechar com a paleta direita, repetindo o mesmo movimento anteriormente realizado, agora com o lado oposto. A paleteada é a última etapa do Freio de Ouro. Novamente observa-se a aptidão vaqueira, a velocidade, a força e a total submissão do cavalo ao cavaleiro.

Duplas, formadas pelo resultado da pontuação acumulada até esta etapa, (o primeiro com o segundo, o terceiro com o quarto e assim sucessivamente) perseguem um novilho por uma raia de 110 metros de comprimento por 50 metros de largura, com marcações de fardos de feno aos 30 metros, 80 metros e 110 metros. Nos primeiros 30 metros, os ginetes deixam o novilho correr. Entre os 30 metros e os 80 metros, o novilho deve ser “prensado” entre as “paletas” dos dois cavalos, daí a expressão paleteada. Após a ultrapassagem do marco de 80 metros e antes do final da raia, os ginetes adiantam os cavalos em relação ao novilho, tomando-lhe a frente, para que o animal retorne. Na volta, a paleteada se repete, para que o novilho seja reconduzido à mangueira.

2 CASUÍSTICA

A raça crioula é símbolo da atividade equestre na região sul do Brasil, especialmente no estado do Rio Grande do Sul, que em conjunto à cultura da criação de gado, vestimentas e culinária compõem o simbolismo do gaúcho campeiro.

A tradição e cultura da criação do cavalo crioulo ganhou acompanhamento técnico e científico para o melhoramento da raça através das atividades de competição de desempenho, provas de morfologia e registros genealógicos, sendo o Freio de Ouro a principal prova de morfologia e desempenho para cavalos da raça crioula.

Sabidamente o homem gaúcho migra e carrega consigo os artefatos, hábitos e costumes de sua cultura, dessa forma, nos estados onde a cultura campeira do gaúcho está inserida existe, em maior ou menor expressão, a presença do cavalo crioulo que tem sido posto à prova em outras competições equestres como vaquejadas, laço, rédeas e até enduros.

Em Mato Grosso do Sul, a raça crioula está presente através de criatórios, leilões de animais de serviço e participação em competições equestres. Dessa forma, deseja-se conhecer o entendimento, de forma geral, que os usuários de cavalos de competição possuem sobre a raça crioula e sua aplicação às provas de laço comprido.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho é caracterizado como exploratório, visto que este é o procedimento adotado para se obter mais informações sobre determinado tema. Gil (1991) e Marques (2006) afirmam que pesquisas exploratórias são utilizadas quando as informações de que se dispõem a respeito do tema são pulverizadas. Marques (2006) acrescenta ainda que o objetivo não é a solução imediata de um problema, mas tão somente caracterizá-lo.

Os métodos utilizados na pesquisa exploratória são bastante versáteis e amplos, podendo incluir: levantamentos bibliográficos, documentais e estatísticos, levantamentos de experiência, estudos de casos selecionados, pesquisa de campo, observação informal e outros procedimentos (MARQUES, 2006).

Para Richardson (1999), pesquisas qualitativas são orientadas para situações complexas ou particulares na qual são tratadas as investigações sobre fatos do passado ou estudos referentes aos grupos dos quais se dispõe de pouca informação.

Dentro do escopo da pesquisa qualitativa, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa exploratória cuja principal finalidade é entendimento do conhecimento que os usuários de cavalos de laço comprido possuem acerca da raça crioula, para, dessa forma, desenvolver e esclarecer conceitos, permitindo a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores (GIL, 1999).

Para a realização da pesquisa de campo, constituída eminentemente da aplicação *in loco* de questionário previamente elaborado, os usuários atletas que seriam entrevistados foram escolhidos de forma não aleatória. Tal fato justificou-se pela oportunidade de entrevistar os competidores de maior destaque nas competições do Circuito de Laço Comprido (CLC) nos eventos de competição, totalizando 40 (quarenta) entrevistados.

As entrevistas foram realizadas nas etapas 2 e 3 do Circuito de Laço Comprido sediado no parque do peão em Campo Grande. Segunda etapa, ocorrida dias 16 a 18 de março de 2013; e terceira etapa, ocorrida dias 5 a 7 de abril de 2013.

4 RESULTADOS

As entrevistas realizadas durante as etapas do Circuito de Laço Comprido ocorrida nos dias 16 e 18 de março e 5 e 7 de abril de 2013 possibilitaram o conhecimento de informações relevantes para o entendimento do uso do cavalo crioulo no referido esporte.

No quadro 01, é possível visualizar o que pensam os respondentes da pesquisa sobre a evolução da raça, o desempenho dos animais e sobre a possibilidade de montar animais da raça crioula em competições de laço comprido. A resposta foi estratificada por faixa de anos de experiência.

A vivência no segmento permite inferir que, após o ano de 2003, a quantidade de animais da raça crioula cresceu de forma notável quando era utilizado na sua maioria em trabalho de gado, em fazendas da região. Esses animais, até então, dificilmente faziam parte das raças utilizadas no laço.

Dentre os entrevistados, 22,5% estavam utilizando cavalo crioulo. Todos puros de origem e o tempo médio de experiência dos proprietários com o esporte é de 16,3 anos.

A raça Quarto de Milha teve maioria numérica entre os entrevistados, 57,5 % de animais, dos quais, 13 equinos eram cruzados, 10 animais puros de origem e o tempo médio de experiência dos proprietários com o esporte é de dez anos.

TEMPO DE EXPERIÊNCIA	QUANTIDADE DE RESPONDENTES	A RAÇA EVOLUIU?	CLASSIFICAÇÃO DE DESEMPENHO	MONTARIA UM CAVALO CRIOULO
Até 05 anos	04	100% - evoluiu	100% - bom	100% responderam sim
06 – 10 anos	18	88,88% evoluiu 11,12% não sabem responder	27,7%-ótimo 55,5%-bom 16,8%-regular	100% responderam sim
11 – 20 anos	16	87,5%-evoluiu 12,5%-não evoluiu	50%-ótimo 31,2%-bom 18,8%-regular	100% responderam sim
Mais que 20 anos	04	75%-evoluiu 25%-não evoluiu	50%-ótimo 25%-bom 25%-regular	100% responderam sim

Quadro 1 – Ponto de vista dos laçadores do Circuito de Laço Comprido sobre a evolução, desempenho e aceitabilidade da raça crioula em Mato Grosso do Sul

CONCLUSÃO

A pesquisa proporcionou o entendimento de que a raça crioula evoluiu ao longo dos anos em Mato Grosso do Sul, que o desempenho dos equinos representantes da raça no esporte está entre ótimo e bom para 87,5% dos entrevistados. Por fim, ao serem questionados se montariam um equino da raça crioula, todos os respondentes afirmaram que montariam, sugerindo nenhuma rejeição ao uso da raça no esporte.

REFERÊNCIAS

ABCCC – Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos. *Manual do criador*. Raça Crioula. Pelotas: ABCCC, 2013. Disponível em: <http://www.racacrioula.com.br/uploads/arquivos/2758_5dea98df90e25ea8e0b9c68c3f13868b.pdf>. Acesso em: 20 maio 2013.

BARREIROS, João. *Ecologia das extinções*. Palestra proferida no Auditório do Instituto de Biologia da Universidade de Brasília, a convite do Laboratório de Toxinologia/Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal/UnB, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.3/1644>>. Acesso em: 25 maio 2013.

CHWAT, Paul. *O mundo dos quadrúpedes*. São Paulo: Hemus, 1974.

COELHO, Diogo Osório. *História do cavalo crioulo*. [s.d.]. Disponível em: <http://www.racacrioula.com.br/site/content/entidade/cavalo_crioulo.php>. Acesso em: 28 maio 2013.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 32. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. 238p.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. 159p.

_____. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 105p.

GOULART, J. A. *O cavalo na formação do Brasil*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964. 249p.

LAMAS, Manuel. Evolução do cavalo – perspectiva dentária. *Revista Equitação*, n. 89, p. 78-79, mar./abr. 2011. Disponível em: <http://www.clinicadoalmargem.pt/uploads/6/5/4/1/6541571/evolucao_cavalo_-_perspectiva_dentria.pdf>. Acesso em: 20 maio 2013.

LIMA, Roberto Arruda de Souza; SHIROTA, Ricardo; BARROS, Geraldo Sant'ana de Camargo. *Estudo do complexo do agronegócio cavalo*: relatório final.

Piracicaba: CEPEA/ESALQ/USP, jun. 2006. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/pdf/cavalo_completo.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.

MARQUES, H. R. et al. *Metodologia da pesquisa e do trabalho científico*. Campo Grande: UCDB, 2006. 130p.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Pecuária e vida pastoril: sua evolução em duas regiões brasileiras. *Revista do IEB*, n. 19, p. 55-78, 1977. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/publicacoes/doc/rieb19_1349116700.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2013.

RICHARDSON, R. J. et al. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 334p.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Disponível em: <http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Darcy_Ribeiro_-_O_povo_Brasileiro-_a_forma%C3%A7%C3%A3o_e_o_sentido_do_Brasil.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2013

SIMONSEN, R. C. *História econômica do Brasil (1500/1820)*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969. 475p.